



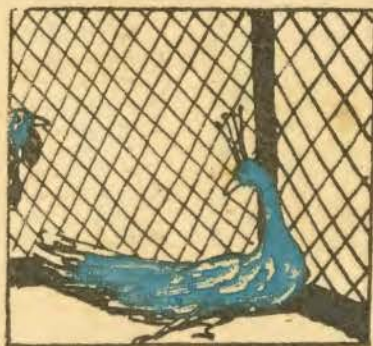
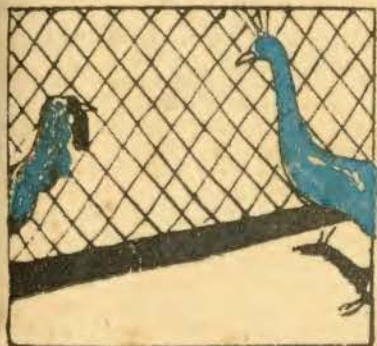
Director literario:
António de Almeida
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Luiz de Almeida
 PAPUSSE

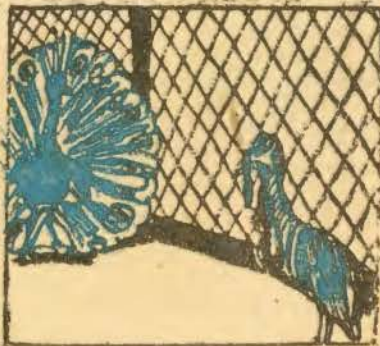
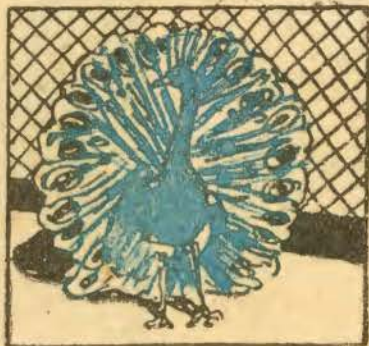
PERÚ-VELHO



Ao entrar na capoeira,
 Certo Perú-velho, um dia
 Viu lá dentro, prazenteira,
 Ave que não conhecia.

Ave, embora bem vulgar,
 Pois que não era avis-rara:
 — Um pavão, que a dormitar,
 Num cantinho se agachara.

Abrindo a cauda num leque,
 Ao vê-lo, o velho Perú
 Pôs-se, num salamaleque,
 Desdenhando: — «glú-glú-glú!...»



E dizia presumido:
 — Quem como eu lindo é,
 Não devia estar metido
 Com outras aves ao pé!»

Nisto o pavão abre a cauda,
 Ouvindo o tôle glú-glú...
 E pronto... acabou-se a lauda
 Do presumido Perú.

— (Ninguém do vizinho seu
 Troce, sem o conhecer,
 Pois lhe pode suceder
 O que ao Perú sucedeu!) —



QUERER é PODER

Por MARIA LEONOR LIMA BRANDES

:: :: Desenhos de EDUARDO MALTA :: ::



ERA uma vez um homem baixinho, gordo e de bigode retorcido, cabelo negro de azevi-cho, muito bem cuidado. O «Senhor Gregório» era um homem inteligente, empreendedor e sonhava com castelos no ar.

O povo do lugar dizia: — «Senhor Gregório», você ainda ha-de vir a ser rei deste pequeno povo. Ficava muito contente quando lhe diziam estas coisas e pensava, então,

em ser qualquer coisa mais que «Senhor Gregório». Como tinha grande força de vontade e era persistente, tudo conseguia.

O princípio da sua vida foi vender queijadas fabricadas por ele próprio. O fabrico era manual mas obra boa, pelo que a venda foi aumentando, aumentando até que comprou uma casa pequenina e um burrinho.

A casa tinha quintal, o quintal tinha seu pôço, o pôço tinha nora, a nora gemia e o «Senhor Gregório» dizia:

— «Já tenho casa com quintal e tenho um pôço com nora, que mais me falta agora?»

O povo do lugar, um dia reuniu numa eira e tornou-se independente. Nomearam presidente e seus ministros e ao lugar mudou-se o nome que tinha, e ficou sendo: «Estado Independente de Penaferrim». Mas o «Senhor Gregório» foi esquecido, ficou sem pasta, o que ele não podia perdoar e tinha razão por ser a pessoa mais competente.

— «Não se lembraram de mim, ora esta?! — exclamava o senhor Gregório, muito indignado. — Mas, deixá-los, eu me vingarei. Querer é poder. Ainda hei-de ser rei dum pequeno castelo, monologava ele, ao pé do seu burrinho, que puxava a nora, que tirava a água, que regava as couves para fazer caldo, numa panelinha, para a barriguinha. E assim a pensar em castelos no ar, ao «Senhor Gregório», se lhe foi branqueando o cabelo que outr'ora fôra negro de azevi-cho.

Uma vez, sentado na cadeira do seu barbeiro, reparou nuns cabelos brancos, no seu lindo bigode. Deu tal salto na cadeira que quasi bateu com a cabeça no teto. (O teto era baixinho).

— «David, David, depressa, vem cá, — gritou o «Senhor Gregório», aflitissimo.

— Que foi «Senhor Gregório»? — disse o David barbeiro com a graça que lhe é familiar.

— Lá estás tu a brincar!... São os malditos cabelos brancos que me apareceram no bigode...

— Ah! Isso é coisa muito seria, — respondeu o David.

— Ele era negro, tão bonito!

— Deixe lá «Senhor Gregório», não se apoquente; eu arranjo-lhe aí um elixir que o faz ficar preto como dantes.

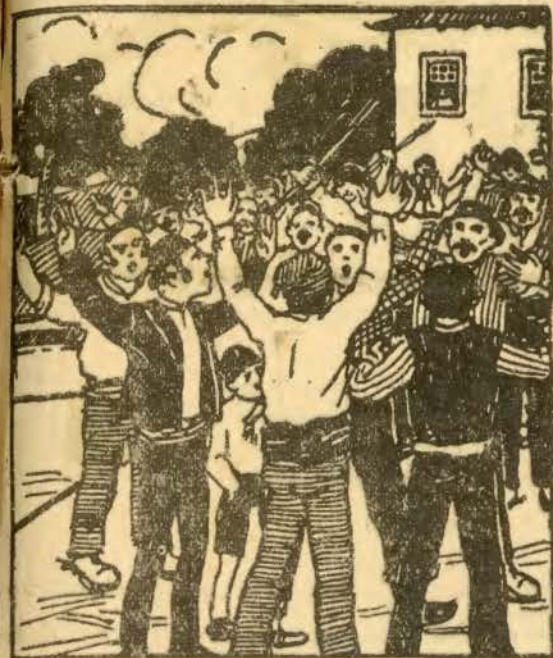
— Deixa-te de elixires, pega na tesoura e corta-mo rente, — disse o «Senhor Gregório», quasi a chorar.

O David cortou-lhe o bigode, para o «Senhor Gregório» parecer mais novo. Bigode que ele meteu dentro de uma caixinha de ébano encrostada em madreperola, caixinha que mandou fazer ao senhor Joaquim Ramos que era o melhor artista daquele tempo.

O «Senhor Gregório», volta e meia vai à sua «toilette»



a caixinha, abre-a com muito cuidado e põe-se em frente do espelho, colocando o bigode no lábio superior e contemplando-se, diz com ar de tristeza: — «Como eu fui e como estou!...»



Os curiosos, impacientes por não verem o lagarto, já rogavam pragas ao «Senhor Gregório» que os tranquilisava logo, dizendo: — «Talvez o vejam amanhã, êle nem todos os dias sai da toca». E assim esperançados de verem o lagarto, lá iam afluindo todos os dias e o «Senhor Gregório» não se incomodava muito com isso, pois as queijadas iam-se vendendo todas quantas se fabricavam e o seu cofre enchendo-se de notas do Banco de Portugal. Em casa do «Senhor Gregório» trabalha-se de dia e de noite, tal era a saída do seu produto.

Por fim, claro, desistiram de ir ver o lagarto mas o «Senhor Gregório» ficou rico. Comprou o tal terreno lá em cima, na Serra, e mandou construir o seu pequeno castelo que se vê cá de baixo com as suas ameias. Vendeu o burrinho e mandou fazer pelo Senhor Joaquim Ramos um lindo e rico carrinho em espelhos de cristal de Bacarath, carrinho que é puxado por um bódezinho muito bonito. E' nêsse carrinho que êle hoje vende as suas finíssimas queijadas, lá em baixo na Vila. O «Senhor Gregório» levou o seu lindo carrinho a uma exposição internacional aonde obteve uma rica medalha de ouro com menção honrosa.

Os meus lindos meninos não devem deixar de visitar a fábrica do «Senhor Gregório». E' toda movida a electricidade. Os seus exquisitos maquinismos são muito engraçados nos seus movimentos. Vieram já do estrangeiro muitas escolas de meninos visitar a fábrica e os professores deram o tempo



por bem empregado por verem os inventos do «Senhor Gregório».

Meus meninos, sejam estudiosos, tenham força de vontade que tudo conseguirão.

«Querer é poder».

F I M

BIBLIOTECA PIM-PAM-PUM

.....

A COLECCAO DE LIVROS PARA CRIANÇAS, MELHOR E MAIS BARATA

BREVEMENTE

AVENTURAS COMICAS

POR

PÁPIM, PAPUSSE & C.º

OS PALHAÇOS

NOVELA INFANTIL

POR

AUGUSTO DE SANTA-RITA
DESENHOS DE EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



Nesse momento em que Rosa, Pedro e Paulo se aproximavam de casa, o sino do relógio da ermida da aldeia, soava doze badaladas. Meio dia! Os trabalhadores largavam o trabalho para o descanso da sesta.

Clara, ao portão do jardimzinho de Pedro, erguia nos braços o pequenino Paulito, numa toada, vivamente exclamando:

— «Olaré, tem-tem!...
Lá vem a mãezinha,
Ai lá vem, lá vem!
Olaré, tem-tem...
Lá vem o paizinho
Ao lado da mãe!»

Assim que Rosinha avistou o seu querido bebé ao colo de Clara, deu uma corridinha ao seu encontro, enchendo-o todo de beijos.

«Então, gostou do passeio?!» — perguntou Clara sorrindo para o irmão de Pedro.

— «Muito, Clara, deixe-me tratá-la assim, como está tudo mudado!»

— «Vem ser nosso hóspede?»

— «Só até amanhã — (continuou Paulo) — com muita pena minha de não poder ser mais tempo. Tenho que fazer em Lisboa».

E a conversa prosseguiu, sentados já em cadeirinhas de palha, à porta de casa, até que Rosa veio anunciar:

— O almoço está na mesa.

A salinha de jantar de Rosa e Pedro, pouco mais tinha que quatro metros quadrados. Modestamente mobiliada, embora nada lhe faltasse, era, contudo muito clara e risonha. Uma janela abetta deitando para um mar de trigo, em cujo parapeito, ao sol, um tareco dormia, e entre cujos umbrais um pintassilgo cantava numa gaiola dourada. Respirava-se alegria e saúde. Sobré a toalha, muito branquinha e cheirosa, talheres com cabos de madeira, copos de vidro e pratos com uma lista muito vermelha em volta. Uma jarra com malva-rosa, pão de milho, manteiga e queijinhos frescos, uma garrafa bojuda de vidro, com vinho branco, e uma bilha de barro com água tão fresquinha que até humedecia a parte exterior da bilha. Ao meio, uma fruteira cheia de

maçãs camoezas, coradinhas, laranjas muito doiradas, tangerinas e alperches.

O céu muito azul, para lá da janela, amaciava a alvura das paredes caiadas, como uma bênção de Deus.

Rosa, Pedro, Clara e Paulo, sentaram-se. Uma velhinha muito simpática, com bandós grisalhos, começou a servir. E, durante todo o almoço, a conversa correu cheia de animação.

Porém, à sobremesa, Pedro não se conteve mais que não dissesse a Paulito:

Confessaste-me há pouco que eras palhaço. Desculpa, meu querido irmão, mas não te parece que ser palhaço é uma profissão muito feia?! Ora tu possues, por direito de herança, metade dos bens que eu administro. Não precisavas de ganhar a tua vida a fazer rir os outros. Deixa de ser palhaço e vem viver connosco!»

Entanto, Clara insurgiu-se: — «Então que tem lá isso! Paulo é um artista! É uma arte como outra qualquer! Divertir as crianças!... Há lá missão mais bonita!...»



Paulo sorriu para Clara que levemente corou, baixando os olhos, e murmurou com ternura:

— «Muito obrigado, Clara, pela justiça que faz ao meu ingrato officio. Todavia o Pedro tem razão. Não falou por ele, falou por toda a gente, e a Clara falou por si que é diferente dos outros. Mas os outros só pensam assim quando me não dão palmas. E eu não posso passar sem as palmas dos outros, porque sinto que eles, nesse momento, pensam por si e não pelos outros, o que me causa uma enorme alegria!»

Pedro e Rosa não perceberam bem o que elle queria dizer; só Clara o percebeu, sem mesmo se aperceber de que o havia entendido. — (Isto é um pouco complicado para os meninos mas passem a diante que não-de gostar do resto) —

Terminado o almoço, vieram sentar-se em cadeirinhas de palha à portinha de casa e onde, à fresca e perfumada sombra de uma lúcia-lima, prosseguiu a conversa em franca e descuidada troca de impressões.

Rosalina, a simpática serva dos bandós grisalhos, a pedido de Paulo, cheio de sede, trouxe uma limonada,

— «Que santa vida a tua, Pedro! — (murmurou Paulo segurando o copo) — Tens tudo que é necessário para ser-se feliz! Saúde, Amor, um filho, um lar, a paz do campo e uma velhinha adorável — boa criada e ainda melhor amiga!»

— «Se não tem a mesma felicidade é apenas porque não queres!» objectou Rosa.

— «E' a minha vida, a minha profissão que o não permite.»

Então, Rosalina que não ouvira a última parte da con-

versa à meza, perguntou, entretanto, cheia de interesse simpatia:

— «Desculpe o atrevimento, meu senhor; mas qual ve a ser, então, a vida do senhor Paulo?»

— «Palhaço, Rosalina; sou palhaço!»

— «Credo!... — (exclamou Rosalina) — sempre o senhor Paulo é muito brincalhão!»

— «E' certo, Rosalina — (atrou Pedro) — Não achas que devia mudar de vida??»

— «Oh, decerto; — (rematou a velhinha, acrescentando uma expressão mixto de past e dó:)

Até me custa a crer. M empregado!

A' tarde, pouco antes bater das Trindades, o senb padre Brito veio cumprimentar o seu amiguinho Pedro, com elle lhe chamava.

Ao ver Paulito, como tives a vista já um pouco cansado perguntou quem era. Mas, n to, Paulo, abraçando-o, explicou com grande contentamento: — «Oh, senhor padre Brito pois já se não lembra do grande traquinado que, ao dar cabalhotas na eira, o fazia berzer-se?!»

— «Paulito!... — (murmurou o reverendo velhinho, abraçando-o, muito comovido limpando uma lágrima a grande lenço vermelho) — C não há!... quem diria?!...»

E ficaram a conversar por largo tempo. Mas, quando sou que Paulo era palhaço, não se conteve, também, que não dissesse, juntando as mãos e erguendo os olhos ao cé — «Meu filho, que Deus te inspire e te faça mudar de profissão!...»

Paulo começava a revoltar-se contra a injustiça que



...faziam à sua Arte e, assim que padre Brito se retirou, ficou numa grande tristeza.

Num dado momento em que Rosa adormecia no quarto seu menino e Pedro se afastara a dar umas ordens, Clara viu surpreender Paulito só, à portinha de casa, pensativo triste.

— «Em que pensa, Paulo?!» perguntou-lhe ela, então, rapidamente.

— «Em que sou um palhaço! — (respondeu Paulo) — não mereço a consideração de ninguém!»

— «Não diga isso, Paulo! Exagera! Se eu até gostaria de casar com um palhaço! — (insistiu Clara, tornando a rir levemente.) — Que orgulho eu teria de o ver dar cambalhotas entre as palmas e os risos das crianças!»

— «Mas engana-se, Clara: eu já não dou cambalhotas, não sou saltimbanco. Invento ditos de espírito e toco instrumentos vários. Há-de ir ouvir-me, depois de amanhã, Coliseu dos Recreios. Eu peço à Rosa e ao Pedro que a acompanhem.

Depois do jantar, Paulo foi buscar a sua malinha de oboe, tirou de dentro um pequenino violino e pôs-se a tocar. Quando terminou, Pedro e Rosa deram muitas palmas. Clara limitou-se a exclamar, com lágrimas nos olhos: — «Ah, mas que lindo, Paulo!...»

E, ao soar a meia noite no pequenino relógio da salinha de estavam, foram-se deitar.

Paulito no seu quarto — o quarto que Pedro e Rosa haviam reservado, prevendo o caso de Paulo, um dia, vir a aparecer como afinal sucedeu, dizia consigo mesmo: — «as voltas que o mundo dá!...»

Pedro e Rosa dormiram toda a noite. Clara acordou, algumas horas, cuidando ouvir um violino... mas, afinal... não sonhou!

No dia seguinte, hóspedes de Paulo, no hotel de Inglaterra, Pedro, Rosa e Clara chegaram a Lisboa, a fim de irem assistir, no dia imediato, à grande estreia do palhaço Lito no Coliseu dos Recreios.

Por acaso, capricho do Destino, ou coincidência, nesse mesmo dia, apeando-se dum automóvel de praça, D. Jorge, o pai de Lena, marcou dois quartos no mesmo hotel em que Paulo, Pedro, Rosa e Clara se haviam hospedado. Reservados os dois quartos melhores do hotel, enfiou de novo pela portinhola do carro que alugara e mandou seguir para a estação dos vapores no Terreiro do Paço, em cujo cais embarcou em direcção ao Seixal.

Ao desembarcar, finalmente, na outra banda do Tejo, um outro automóvel, mas este particular, o aguardava agora no largo da estação.

Era um automóvel aberto, azul escuro, espaçoso e confortável, forrado de coiro negro, com fechos, faróis e «parabrise» em prata. «Chauffeur» e trintanário fardados de preto, com golas e punhos vermelhos, botas altas, «bonets» e luvas brancas. Dentro Luiza e Lena, — (a Nucha de outrora, que era presentemente uma senhora, vinte anos repletos de formosura e de graça) — vestidas com grande luxo mas, ao mesmo tempo, elegante simplicidade.

Jorge entrou para o carro, beijou Luiza e Lena, ao mesmo tempo que o «chauffeur» e o trintanário saltando para a almofada, se cobriam, e o carro deslizou sem ruído, rápido, sereno, a caminho de casa.

— «Então, paizinho, fizeste-me a vontade?» perguntou Magdalena, mal o carro se pôs em movimento».

— «Sim, minha Lena, fiz. Amanhã por estas horas já deveremos estar no hotel de Inglaterra.

CONTINÚA NO
PRÓXIMO
NÚMERO

A DIVINHAS

Formar os nomes de 12 terras portuguesas!

P	•••••
A	•••••
P	•••••
A	•••••
G	•••••
A	•••••
I	•••••
O	•••••
A	•••••
Z	•••••
U	•••••
L	•••••

Mario M. Palma.

Decifrações das adivinhas do n.º 50:

— Corvo, pisco, gavião, milhafre, gaio, pelicano, perito, mocho, papafico, gralha, melro, pato, cuco, marabú, ota, codorniz, pavão, canário.

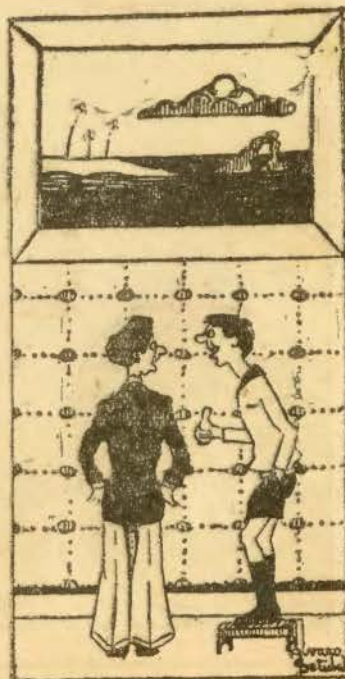
— Antonio, Inácio, Carlos, Pedro, Abilio, Julio, Lucia, Augusto.

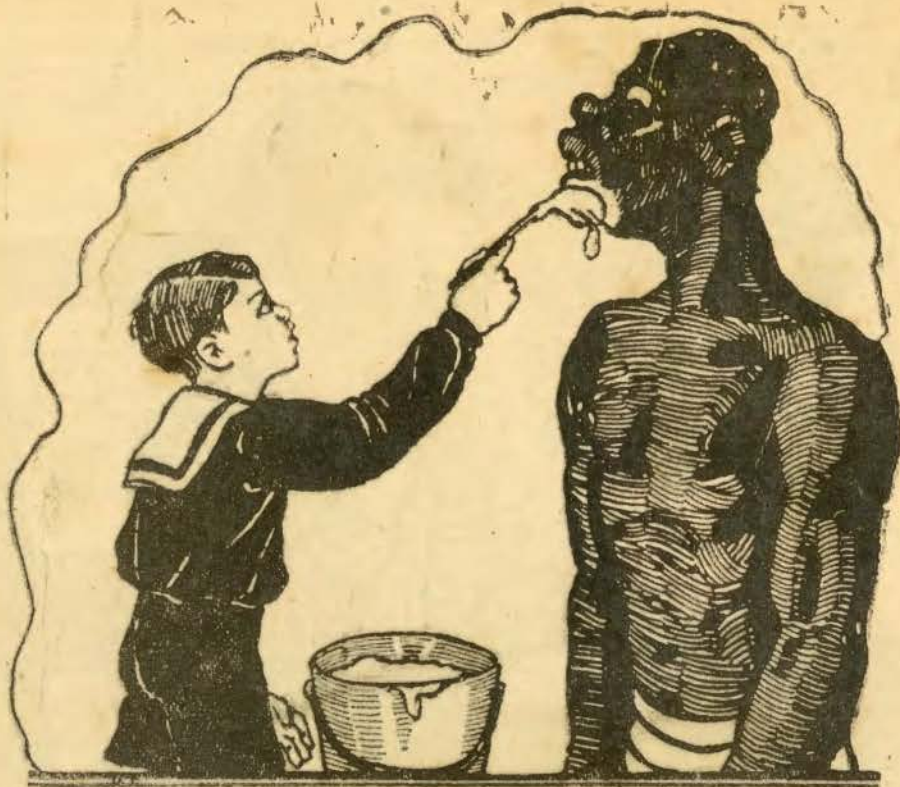
ANEDÓTA ILUSTRADA

— Quando pintaram este quadro, os pretos tinham tomado banho...

— Como sabes tu isso?

— Porque a água está muito escura...





Chico Arnaldo foi p'rá Africa

Por GRACIETTE BRANCO
Desenhos de Eduardo Malta

PARTIU com sua Mãezinha...
Mas seus receios secretos,
são que «o diacho» dos pretos,
o vão comer à caminha!...

«... Ora esta! Ora esta!...
Se não fósse isso — que festa,
ir no vapor, pelo Mar!...
— E inda antes de lá chegar
ter que seguir, que marchar,
no comboio — pó-pó-pó...

Ai! Mas a avó! Mas a avó!
que lá está só
a chorar!...»

— A' hora da despedida,
deu-lhe beijos; e em seguida,
estimulado,
guiado

por seus receios secretos,
segredou-lhe em branda fala:

— «Avózinha: e se eu levasse,
no fundo da minha mala,
tinta branca, que pintasse,
as carantonhas dos pretos?!...»

F I M



Bébé escreve ao Avô

Por GRACIETTE BRANCO
; Desenho de ED. MALTA :

QUERIDO avôzinho:
 Como está?
 Passou bem?
 O menino está bem,
 e a mamã e o papá
 também.
 Quando é que o avôzinho
 vem
 para cá?
 Eu tenho já
 muitas saudades suas...
 Tenho também
 duas
 cornetas! — Duas,
 oh! avô!!...
 Olhe! diga à avó,
 sim?
 Diga também
 que elas fazem assim:
 —Pó-pó-pó... Pó-pó-pó!...
 — Olhe! sabe, avôzinho?
 O Tareco
 arrancou o nariz
 ao meu boneco!...
 Eu inda quiz,
 com geitinho,
 arranjá-lo,
 colá-lo...
 Mas a Lena,
 disse assim:
 — Olha que não vale a pena,
 Bébé!

Fia-te em mim...
 Tu escreves ao avô...
 Dizes que se passou
 esta desgraça...
 e verás,
 que não estás
 dois dias, até,
 sem que ele te faça
 o presente,
 d'outro boneco
 igual
 ao que papou
 o Tareco... —
 ... Afinal...
 fiquei contente...
 porque... emfim...
 ... sim...
 — Olha, olha, ó avô:
 quando escreveres à mamã,
 ou ao papá,
 vê lá... anh!...
 não lhes digas
 que te contei
 o que se passou
 com o Tareco!
 Vê lá... anh!...
 ... oh! avô!...
 — Tu mandas o boneco...
 ... que eu sei
 bem...
 mas não digas...
 não digas a ninguém,

quem
 te contou!...
 Vê lá, avô!...
 — Adeus, Agora vou
 brincar,
 para o jardim,
 com Nini,
 — E' verdade: já parti
 aquele motôrzinho
 encarnadinho,
 que
 se punha a marchar
 quando o Menino lhe fazia assim :
 — Trrr-Trrr—Trrr...
 ... Fartei-me de chorar...
 Mas, — sabes? — o Bazar
 do Zé Costa,
 — aquele
 do pó-pó... —
 Tem um que é um encanto!...
 ... E o menino gosta
 Tanto dele...
 ... Tanto!...
 — Adeus.
 Dá beijos meus,
 aí
 à avó,
 e saudades à Né.
 E para ti,
 um chi-coração,
 grandão,
 do Bébé. —>